

TRABALHO FEMININO E ACIDENTES DE TRABALHO NUMA INDÚSTRIA MADEIREIRA EM MANAUS*

Edila Arnaud Ferreira **MOURA**
Professora Assistente do Departamento de Filosofia e Metodologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e do **NAEA da UFPA.**

RESUMO: Numa indústria madeireira em Manaus, que emprega mulheres no processo de produção de compensados foram registrados frequentes casos de acidentes de trabalho. Das 17 mulheres entrevistadas sete haviam sido gravemente acidentadas, sendo que destas uma já havia sofrido três acidentes. A causa destes acidentes deve-se a forma em que se realiza o processo de trabalho.

ABSTRACT: In a Plywood factory in Manaus, where many women workers are employed in the production, frequent labor accidents were registered. From 17 interviewed women workers seven were victims, and one of them for three times. These accidents are caused by the conditions of the labor process.

1 INTRODUÇÃO

Apresenta-se resultados de uma pesquisa sobre utilização do trabalho feminino numa indústria ma-

* Estudo realizado quando a autora estava trabalhando no Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Fundação Universidade do Amazonas.

deireira em Manaus durante pesquisa realizada sobre a "Mobilidade do Trabalho Feminino nas Indústrias de Belém e Manaus" (MOURA et al, 1985), que teve por objetivo analisar as formas de utilização do trabalho feminino em indústrias com diferentes critérios de organização do trabalho, considerando-se os princípios da divisão sexual e da divisão técnica do trabalho nessas indústrias. Em Manaus foram estudadas uma indústria madeireira local e uma indústria de eletroeletrônicos de capital multinacional.

Os dados apresentados foram obtidos em entrevistas realizadas com gerentes, chefes de produção, encarregados, assistente social, atendentes de enfermagem, supervisor de segurança do trabalho e com 17 operárias e 10 operários de vários setores de produção de uma das mais antigas indústrias madeireiras da cidade de Manaus.

Nesta indústria a organização do trabalho tem se fundamentado na prática do aumento da produtividade sem que isto tenha implicado em modificações significativas no conteúdo técnico do trabalho. A análise focalizará as implicações desta prática na ocorrência de acidentes de trabalho.

A pesquisa na realidade, não teve por objetivo aprofundar a questão com relação aos acidentes de trabalho. Entretanto, na medida em que se desenvolvia o estudo no ambiente de trabalho e que obtinham-se os depoimentos dos operários sobre suas condições de trabalho a questão dos acidentes de trabalho tornava-se cada vez mais presente. Das 17 mulheres entrevistadas sete haviam sido gravemente acidentadas durante o trabalho, sendo que uma delas já havia sido acidentada três vezes. Além disso entre as demais entrevistadas foram muito comuns as queixas de problemas de saúde em decorrência das condi-

ções de trabalho a que se submetem, sem que tenham entretanto relacionado estes sintomas como acidentes de trabalho.

A partir destes depoimentos decidiu-se que o estudo sobre as condições em que ocorrem os acidentes de trabalho deve ocupar um espaço destacado na análise sobre esta indústria.

Através das relações existentes entre organização do trabalho, processo de trabalho e acidentes de trabalho, destacando-se a atuação da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), e do discurso dos gerentes e das operárias sobre a ocorrência dos acidentes. Busca-se compreender as condições de violência no trabalho feminino, destacando as condições específicas de utilização e exploração do trabalho da mulher.

Através de um rápido levantamento realizado sobre a ocorrência de acidentes do trabalho no Brasil observa-se que os acidentes de trabalho tem sido uma constante ameaça ao trabalhador brasileiro. Segundo estatísticas apresentadas por COHN et al (1985) no período de 1968 a 1975 os acidentes do trabalho passavam de 450 mil para quase 2 milhões, sendo que este quadro se acentua entre 1968 a 1969 quando passaram de 450 mil para 1 milhão. Observa que no período de 1975-78 ocorre uma redução nas estatísticas sobre acidentes do trabalho na ordem de 40%, mas em consequência de alterações em seu registro. A partir da Lei nº 6367 de 1976, que transferiu do INPS à empresa empregadora a responsabilidade pelos quinze primeiros dias de afastamento somente passaram a ser encaminhados para registro do Ministério do Trabalho os acidentes que provocam mais de 15 dias de suspensão de suas atividades.

Em São Paulo em 1980, um em cada quatro trabalhadores da indústria sofreu acidentes do trabalho

e, diariamente 10 pessoas deixaram de trabalhar por invalidez ou morte (COHN et al, 1985).

Na indústria madeireira analisada, de 468 operários 13% foram acidentados em junho de 1985, 18% em julho e 14% em agosto.

A questão que se coloca é: Como explicar a ocorrência dos acidentes de trabalho?

Alguns trabalhos consultados a respeito (COHN et al, 1985) trazem explicações que ficam no nível da fatalidade. Neste caso os acidentes são naturais ao risco que corre o trabalhador. São o preço inevitável do progresso. Na realidade maior parte dos trabalhos sobre o tema tem configurado os acidentes de trabalho tal como a legislação os define e como o discurso oficial o interpreta, ou seja enfatizam o acidente de trabalho como aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa. (COHN et al, 1985).

Esta forma de explicação deixa omissa a condição em que se concretiza o trabalho. Essa compreensão só é possível através da análise da forma de organização do trabalho no processo de produção e reprodução do capital.

2 A FÁBRICA E O TRABALHO DA MULHER

A fábrica de aqui por diante identificada como Madeirex, é tradicional no setor madeireiro no Estado do Amazonas. Iniciou sua produção em 1959 limitada às madeiras serradas passando a partir de 1961 a produzir também madeiras compensadas, mantendo até hoje as duas atividades produtivas.

A produção destina-se em grande parte ao mercado internacional, mas também ao mercado nacional e local. A produção de compensados para exportação

é feita na medida padrão de 2.42/1.22m o que exigiu uma estruturação específica do processo de trabalho para este fim. Em 1975 foi introduzida na fábrica uma prensa semi-automática que só produz compensados com as medidas para exportação, exigindo a utilização de operário especializado. No mercado interno comercializa-se compensados na medida padrão de 2.20/1.60m. Estas alterações no tamanho dos compensados exige constantes modificações no processo de trabalho. A produção da serraria é comercializada apenas no local. A análise aqui refere-se apenas ao setor de produção de compensados.

2.1 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Todo processo de trabalho dá-se a partir de uma organização do trabalho. Na produção capitalista, na medida em que o consumo da força de trabalho é ao mesmo tempo produção de mercadorias e de mais valia, essa função de organização torna-se função do capital e como tal adquire características específicas.

Para os dirigentes da produção capitalista, a organização do trabalho responde a uma dupla necessidade econômica, que é a de obter a melhor produtividade possível e a uma necessidade política, que é a de que precisa manter os produtores diretos numa posição subordinada em relação ao capital. Como essas necessidades são contraditórias, as formas capitalistas de organização da produção tem por objetivo resolver essa contradição. (PIGNON & QUEIRZOLA, 1980).

A forma principal através da qual esta organização vem se desenvolvendo reside no aperfeiçoamento da administração científica desde sua elaboração

por **TAYLOR** (1880), expandida com o Fordismo e mais recentemente modificada pelo "neofordismo" e Escola de Relações Humanas. O princípio básico defendido é o da importância do controle sobre o trabalhador para que sejam garantidas as condições de reprodução do capital. As formas de organização e resistência da classe trabalhadora tem exigido do nível gerencial e patronal um reordenamento desse controle para que lhes assegurem as condições de dominação.

Como observam **PIGNON & QUEIRZOLA** (1980) a organização do trabalho por mais científica que seja não consegue evidentemente diminuir o preço dos meios e aumentar o preço dos produtos. Seu lucro é obtido pela redução do preço do trabalho através de recursos metodológicos na administração empresarial. Portanto a organização do trabalho como recurso para aumentar a produtividade sob o prisma do capital articula dois objetivos: aumentar a eficácia do processo de produção e diminuir relativamente o preço do trabalho.

As práticas na organização do trabalho que tem sido dicotomizadas por alguns autores como despóticas ou democráticas na realidade processam-se a partir das determinações das concorrências de mercado. A organização do trabalho dá-se como observa **PIGNON & QUEIRZOLA** (1980) tendo em vista as duas formas de autoridade social da sociedade capitalista: autoridade absoluta do capitalista sobre os homens transformados em simples membros de um mecanismo que lhes pertence, e a autoridade da concorrência que se impõe ao capitalista através das leis coercitivas de mercado.

Na indústria madeireira estudada observa-se que as alterações que tem ocorrido a nível da organização do trabalho tem se dado mais para garantir mecanismos de controle sobre o uso da força de traba-

lho do que pela introdução de inovações técnicas no setor de produção.

A Indústria, tradicional no setor, cujos principais acionistas também atuam em outros setores empresariais, não tem investido na melhoria de seus equipamentos industriais, e tem garantido a sua acumulação pela prática da intensificação do trabalho. O setor madeireiro na região tem se ampliado, mas as variações na tecnologia utilizada são muito pequenas, não parecendo estar ocorrendo uma concorrência decisiva no que diz respeito à incorporação de novas técnicas no processo de produção de compensados.

A organização do trabalho é feita buscando redução de custos de produção através de economias sobre as condições de trabalho exteriores ao processo técnico. Como **K. MARX** ap. **PIGNON & QUEIRZOLA** (1980) observou...

"Essa economia vai até...a não tomar medidas de segurança nos processos de produção, por natureza insalubre ou perigosos, como minas, etc., sem falar da ausência de qualquer instalação para tornar humano, agradável ou apenas suportável ao operário o processo de produção. Sob o prisma do capital, essas despesas constituiriam um desperdício inútil e pouco razoável..Ao contrário, bem mais do que qualquer outro sistema de produção, o sistema capitalista é um esbanjador de homens, de trabalho vivo, um dilapidador de carne e sangue, bem como de nervos e de cérebros".

Pelos depoimentos dos operários e dos gerentes de produção percebe-se a instabilidade nas práticas organizacionais da empresa. Até o ano passado, os operários tinham direito a um lanche completo antes

do início de seus trabalhos; hoje este está reduzido a um copo de café e a um pedaço de pão sem manteiga. Os operários que trabalham no setor de armação de compensados, devido às condições insalubres pelo manuseio da cola, tinham direito a dois copos de leite durante a sua jornada de trabalho. Durante as visitas à fábrica os operários depunham constantemente contra o fato de haverem suspenso o fornecimento do leite como forma de contenção de despesas. Estava também àquele período sendo reavaliada a estruturação de cargos e salários da empresa, sendo que já estava sendo colocada em prática a substituição de cargo de auxiliar de operação, que realiza atividades auxiliares junto às máquinas e que tinham um salário quase 20% mais alto do que os auxiliares de produção, pelo cargo de auxiliar de produção sem que isto tenha implicado em qualquer alteração efetiva nas atividades que vinham realizando. Isto quer dizer que concretamente estavam praticando uma redução nos salários dos operários. No que diz respeito à prevenção de acidentes de trabalhos, a empresa que, sempre se utilizou do trabalho de mais de 400 operários, somente a partir de setembro de 85 passou a organizar sua Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) muito embora a legislação a respeito prescreva que a partir de 19 empregados a empresa deve organizar a CIPA.

Inclui-se também nestas práticas organizacionais da Madeirex a gradativa substituição do trabalho masculino pelo trabalho feminino. Segundo depoimentos dos mais antigos gerentes de produção e dos mais antigos operários, a fábrica ao iniciar suas atividades produtivas não empregava mulheres. Os problemas de disciplina apresentados pelos homens no desempenho de suas funções no processo de trabalho fez com que, os gerentes da fábrica, dentro dos prin-

cípios organizacionais da empresa de maximizar os lucros sem investir em qualificação e melhorias de condições de trabalho para seus operários, passassem a "experimental" a capacidade de trabalho das mulheres, que segundo depoimentos do chefe de produção constantemente batiam à porta da fábrica solicitando oportunidades de emprego. Cabe ressaltar que a Madeirex já empregava mulheres em atividades de limpeza e serviços de copa do setor administrativo, da empresa.

As mulheres foram introduzidas no processo de produção de compensados gradativamente, das atividades que mais se assemelhavam a seus afazeres domésticos na produção de valores de uso, a algumas das atividades consideradas como exclusivamente masculinas, como operadoras de determinadas máquinas. No período em que a pesquisa foi realizada, a empresa contava com o trabalho de 467 operários, sendo 43% de mulheres. Esta proporção aumenta para 55% se excluir turma de manutenção de máquinas que é exclusivamente masculina. Considerando a distribuição de homens e mulheres por setores verificamos que o setor de folheação e secagem absorvem 100% de mulheres e o setor de tornos 70%. O Chefe de produção da empresa assim como o chefe de pessoal reproduziram o discurso que já obtidos em outras empresas (MOURA et al, 1985) sobre o trabalho feminino: "as mulheres demonstram mais capacidade de concentração e obediência, são mais eficientes e reclamam menos". Segundo o chefe de pessoal da Madeirex, a sua experiência tem demonstrado que

"se o serviço pode ser realizado por uma mulher não tem por que pôr homens".

A partir dessas observações constatou-se que os princípios científicos da organização do trabalho, basicamente no que concerne a sua conotação po-

lítica, repousam sobre a apropriação da condição feminina, submetida historicamente aos padrões patriarcais de comportamento. Os princípios científicos da organização do trabalho não são indiferentes às relações sociais de sexo.

COSTA (1984) em seu trabalho "Patriarcado e Dominação Capitalista" constatou-se que as relações de dominação fábrica se dão de um sistema de racionalização capitalista e através de um conjunto de normas não específicas, difusas que tendem a reproduzir a clivagem sexual com base em justificativas biológicas. **COSTA** (1984) conclui que ambas são formas de persuasão que visam dissimular e legitimar as práticas do poder na fábrica. Observa que são múltiplas as esferas onde se reproduz a clivagem sexual: o recrutamento, o sistema de classificação e promoção, política salarial e demissões, política de premiação e controle do corpo e constatou que o "fetiche" da autoridade masculina na família é reproduzido por demissões, política de premiação e controle do corpo e constatou que o "fetiche" da autoridade masculina na família é reproduzido pela dominação paternalista que, ao tratar os conflitos da mulher em termos individuais com uma carga efetiva, tende a quebrar a sua resistência e prejudicar a evolução de sua consciência crítica como trabalhadora coletiva.

3 O PROCESSO DE TRABALHO E OS ACIDENTES DE TRABALHO

A análise do processo de trabalho é fundamental para que se compreenda a ocorrência dos acidentes de trabalho. O Processo de trabalho é a maneira pela qual o capital organiza o consumo produtivo da força

de trabalho. É através da análise do processo de trabalho que pode-se compreender as condições em que se realiza a exploração da mais valia e as representações dos operários a partir das condições de trabalho a que são submetidos.

Na organização do consumo produtivo da força de trabalho a questão do controle é fundamental. Este vem sendo concretizado por práticas da organização do trabalho onde destacam-se a hierarquização de cargos e salários, utilização do tempo e do espaço pelos operários na fábrica e pelas formas de recrutamento e seleção.

Na Madeirex o processo de trabalho realiza-se sob o controle indireto do Gerente Industrial da empresa e direto dos encarregados de produção. O setor de Produção está estruturado em três setores: A- que inclui a Lagoa, rampa e Tornos; B- Secagem e Folheação; C- Preparação que inclui a Composição das chapas, Pré-Prensagem e Prensagem a Quente, Esquadrejadeira, Lixadeira, Imunização, Classificação e Embalagem.

O processo de trabalho inicia-se na Lagoa, onde ficam mergulhadas as toras de madeira até serem usadas na fabricação de compensados. Estas toras são retiradas do fundo do rio pelos mergulhadores, uma ocupação exclusivamente masculina. Estes trabalhadores não são contratados pela empresa. São prestadores de serviços, ganham por produtividade. As condições em que realizam seu trabalho são bastante prejudiciais à sua saúde haja visto que não dispõem de adequado equipamento de proteção. Estão sendo frequentemente vítimas de acidentes de trabalho como baques nas toras de madeiras submersas e mordidas de piranhas.

Antes de irem aos tornos algumas toras de madeira são cortadas com o uso de serrotes elétricos

na medida que possibilite sua fixação nos tornos. Esta atividade, pela extrema força física que exige é exclusivamente masculina. Estes trabalhadores trabalham na área externa da fábrica, expostos ao sol e à chuva, recebem insalubridade, mas para tal tem que se sujeitar a trabalhar sem proteger-se do sol ou da chuva, pois na compreensão do gerente de produção da Madeirex, caso a empresa lhes forneça chapéus ou capas de chuva eles passarão a perder o direito à insalubridade.

Nos Tornos as toras de madeiras são laminadas, e cortadas a seguir em tamanhos padronizados. Neste setor existem três tornos, máquinas semi-automáticas que operam em alta velocidade, e as guilhotinas que são máquinas que realizam os cortes das laminas. Estas guilhotinas são operadas por mulheres, por ser, segundo depoimento do encarregado de produção, uma atividade que exige muita habilidade e concentração. É neste setor que ocorreu no período de junho a agosto de 85 (a partir de quando passaram a ser computados os dados de acidentes de trabalho na empresa) a maior incidência de acidentes de trabalho no processo de produção de compensados: 16% dos acidentes.

TABELA I

DISTRIBUIÇÃO DOS ACIDENTES DE TRABALHOS OCORRIDOS POR SETOR NA INDÚSTRIA MADEIREIRA

Junho/Outubro de 1985.

S E T O R E S	ACIDENTES DE TRABALHO			
	Junho/Agosto		Setembro/Outubro	
ENCOLADEIRA	03	2%	-	-
NAVAL	01	0,5%	01	3%
SECADERIA	04	2%	03	8%
FOLHEAÇÃO	06	3%	-	-
VIGILÂNCIA	01	0,5%	-	-
EMBALAGEM	16	8%	01	3%
RAMPA	16	8%	02	6%
MARCENARIA	38	20%	08	25%
BLOCOM	12	6%	03	8%
SERVIÇOS GERAIS	06	3%	03	8%
MANUTENÇÃO	13	7%	-	-
TRANSPORTE	02	1%	-	-
TORNOS	31	16%	03	8%
CONSTRUÇÃO CIVIL	03	2%	-	-
ACABAMENTO	03	2%	01	3%
EXPEDIÇÃO	01	0,5%	-	-
PRENSA	21	11%	05	16%
CALDEIRAS	12	6%	02	6%
LAGOA	02	1%	01	3%
ELÉTRICO	01	0,5%	01	3%
T O T A L	192	100%	34	100%

FONTE: Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA)

As mulheres que trabalham neste setor representam 15% do total de operários da fábrica e 66% das que trabalham neste setor. O que leva a perceber que sob a alegação de atribuir às mulheres as atividades que exigem mais concentração, na realidade, neste caso concretamente, lhe atribuíram uma das mais perigosas atividades no setor de produção. Segundo depoimento de uma operária entrevistada.

"O que tem de mulher sem dedos neste setor é um horror"

(Jacira, 47 anos)

As pilhas de lâminas são deslocadas até a máquina secadora num carrinho manual que comporta em média, 1500 kg. Esta atividade é realizada por 3 operários que repetem este extremo esforço físico a cada 30 minutos. Estes operários são deslocados continuamente de setor, o que faz com que frequentemente as mulheres do setor sejam convocadas a substituí-los nesta tarefa pesada.

No setor B na atividade de secagem utilizam-se de máquinas secadoras que operam a uma temperatura média de 100 a 150°. É extremamente quente a temperatura ambiente. As máquinas foram instaladas de tal forma que o condutor de vapor que deveria ficar sob o solo, permanece exposto e tem provocado nos operários que trafegam em suas proximidades, graves queimaduras.

No setor de folheação são realizadas as tarefas de corte das lâminas, pelas quilhotinas com operação manual; junção das lâminas, recuperação das lâminas, casamento (dá capa com a contracapa). Estas atividades são todas manuais. Neste setor o trabalho é exclusivamente feminino pela semelhança que apresenta com as atividades de corte e costura. As mulheres deveriam usar luvar para proteger-se da madeira, mas a empresa não fornece os equipamentos de

proteção industriais (EPI) adequados.

No setor C é feita a preparação da cola para utilização na armação dos compensados. São preparados dois tipos de cola: Uma a base de cascamite - composta de resina confeccional de uréia, formol e água, e outra à base de cascophen IV-80, composta de resina líquida de ferrol, formol, hidróxido de sódio e água.

A cola é preparada na fábrica, acrescentando-se uma certa quantidade de água e farinha de trigo. O cascamite e o cascophen IV são preparados pela Alba da Amazônia, localizada no Distrito Industrial de Manaus. Segundo a orientação encaminhada por esta fábrica para o preparo da cola, esta deve ser feita em agitadores mecânicos sem contato manual. Em algumas de nossas visitas à fábrica constatou-se que, em virtude de agitador mecânico estar quebrado, a preparação fazia-se manualmente. No rótulo das latas de Cascophen IV-80 observa-se a advertência para que o produto fosse guardado a uma temperatura máxima de 20° C. No local, a temperatura ultrapassa 30° C. É recomendável ainda pelos fabricantes dos produtos que a cola seja preparada pelos operários usando material de proteção: luvas, avental e óculos, para evitar penetração do veneno na pele. Entretanto os operários não trabalham uniformizados, nem com os equipamentos necessários. Segundo depoimento do Supervisor de Segurança do Trabalho já ocorreu um grave acidente deste setor em decorrência desta prática. O líquido da cola respingou nos olhos de um operário e quase o cegou completamente.

A seguir é feita a armação dos compensados, uma operação manual e onde os operários ainda estão sujeitos à inalação do forte cheiro da cola. Também trabalham sem proteção.

No setor de prensagem à quente, onde os compen

sados tomam a forma final, são usadas três máquinas. Uma delas, de origem japonesa e que foi introduzida na fábrica há 10 anos era de desempenho completamente automático. Hoje entretanto a máquina não opera mais em sua plena capacidade. Os defeitos que foram ocorrendo ao longo desses anos não foram reparados, como forma de contenção de despesas uma vez que o conserto implicava em reposição de peças que são importadas, e a operação automática foi substituída pela força física humana. Esta máquina tem em média 5m de altura. Os auxiliares de produção devem subir na máquina para fazerem a arrumação dos compensados dois a dois por gaveta. Após a prensagem, os auxiliares devem subir novamente na máquina para empurrar com o uso de sua força física as chapas para fora das gavetas. Nesta atividade trabalham 5 homens e duas mulheres. As mulheres são responsáveis pela recuperação das chapas que se danificaram nas prensas frias e fazem também a limpeza do setor. Elas também podem operar eventualmente as máquinas desde que tenham o consentimento do operador. As máquinas, muito embora exijam um tratamento de operário qualificado, são operadas por qualquer operário disponível. O índice de absenteísmo entre os homens é muito alto, segundo informaram vários encarregados de produção. E na medida em que ocorrem as faltas, os operários são substituídos pelos que estiverem disponíveis. Não há também treinamento entre os operários para o desempenho de tarefas específicas. Vários acidentes de trabalho já ocorreram em virtude desta prática. Nesta máquina de prensagem, por exemplo, um operário foi acidentado tendo os quatro dedos da mão emprensados no dia em que o operador da máquina faltou e que foi substituído por um operário de outro setor que nunca havia operado esta máquina.

Outra atividade perigosa desenvolvida nesta fábrica é no setor onde os compensados são imunizados. A imunização externa do compensado é feita através da máquina imunizadora que opera com uso do Cascophein em pó. No local é muito forte o cheiro do veneno tendo provocado em nós náuseas e lacrimejamento por ocasião de visitas ao setor. Desnecessário talvez já seja dizer, que os operários trabalham sem os equipamentos de proteção.

O processo produtivo desenvolve-se num fluxo descontínuo exigindo o uso de trabalhos manuais para a execução de determinadas tarefas e para articular a passagem de material de uma etapa à outra.

Face aos mecanismos utilizados no processo produtivo ocorrem porosidades na jornada de trabalho. Estas são minimizadas pelo controle do encarregado de produção que deve permanecer atento a que os operários mantenham-se ocupados. Quer-se dizer com isso que nesta organização do uso da força de trabalho não é a máquina que continuamente impõe o ritmo de trabalho ao operário. Isto pode ocorrer basicamente no setor de tornos, onde o processo é contínuo entre o torno e a guilhotina e onde as máquinas operam a uma velocidade controlada pelo operador, e na secadora que apresenta um ritmo de trabalho constante. Nos demais setores, onde predominam as atividades manuais, o ritmo do trabalho é imposto pela fiscalização contínua dos encarregados do setor. São nessas condições que se manifestam as discriminações no uso da força de trabalho feminina em relação à masculina.

Os homens são responsáveis pela alimentação das máquinas e dos setores. São eles que devem deslocar os carrinhos manuais com as lâminas ou chapas de compensado de uma máquina a outra ou de um setor a outro. Em muitos casos, os mesmos auxiliares são res-

ponsáveis pela alimentação de várias máquinas deslocando-se de um setor a outro dentro da fábrica. Na medida em que a produção deve ser acelerada num setor e onde os homens ainda não se encontram para alimentar a área, as mulheres são chamadas para "quebrar o galho" e realizam sob ordens do encarregado as tarefas pesadas e que são de responsabilidade dos operários masculinos. Estas situações tem se tornando frequentes no processo de trabalho, o que demonstra uma intensidade maior no uso da força de trabalho feminina. As mulheres executam suas tarefas cotidianas e ainda acumulam parte das tarefas masculinas no seu setor. Os depoimentos das operárias enfatizaram essa situação.

Pela rápida exposição do processo de trabalho na produção de compensados na Madeirex, tentou-se mostrar as condições extremamente inseguras em que os operários são obrigados a desempenhar seu trabalho. A fábrica em muito lembra as descrições feitas sobre as fábricas do século XIX. Extremamente escura, sem ventilação. O piso é de terra batida e cheio de oscilações. Foi comum encontrar-se baratas transitando pelas áreas de trabalho dos trabalhadores. Por toda parte observa-se restos de madeira espalhados pelo chão. O teto está exigindo reparos e durante algumas de nossas visitas no período das fortes chuvas em Manaus, os operários trabalhavam sob respingos d'água. Os operários não tem uniformes. Homens trabalhavam sem camisa e descalços. As mulheres muitas delas calçando sandálias de borracha.

4 OS TURNOS DE TRABALHO

Como já foi assinalado anteriormente, o processo de acumulação na empresa realiza-se através de uma composição orgânica do capital onde o aumento

da produtividade dá-se em função da intensificação do trabalho sendo frequentes os prolongamentos das jornadas de trabalho, ocorrendo uma multiplicidade de atos patronais ilegais como "viradas" noturnas após uma jornada de 10 horas de trabalho durante o dia, trabalho após as 24 horas para as mulheres, etc... O "apetite capitalista" conforme expressão de K. MARX ap. GAUDEMAR (1977, p. 218) manifesta-se em sua plenitude nos princípios organizacionais desta empresa.

O processo de trabalho é ininterrupto, visando a utilização plena dos meios de produção. A força de trabalho está submetida a um esquema de turnos que leva os operários a alterações constantes em seu ritmo de vida fora do ambiente de trabalho. Os operários são classificados por turmas A, B, C, U que trabalham da seguinte forma:

HORÁRIO	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado
06 - 12 18 - 22	A	B	A	B	A	B
12 - 18	B	A	B	A	B	A
22 - 05	C	C	C	C	C	C
08 - 12 14 - 18	U	U	U	U	U	U

FIGURA 1
TURNOS DE TRABALHO

O esquema de utilização da força de trabalho vi

sa fazer funcionar os meios de produção permanentemente. Este esquema de alternâncias foi denominado por Marx de "sistema de mudanças" que hoje segundo GAUDEMAR (1977) chamar-se-ia "trabalho por equipes", sucedendo-se no caso da Madeirex, três equipes (A, B, C) com horários alternados para permitir a utilização plena dos meios de trabalho.

Estas três equipes desempenham as mesmas atividades. É interessante observar a divisão sexual do trabalho pelos turnos da fábrica. Na turma A com 165 operários 44% são homens e 56% mulheres. Na turma B com 175 operários, 46% são homens e 54% são mulheres. Na turma C com apenas 25 operários, onde 0% são homens e 31% são mulheres. Para esta turma em função do horário há dificuldade de fixação de uma turma de operários permanente. O trabalho é realizado com a contribuição de outros operários das turmas A e B através do esquema das viradas. Isto quer dizer que os operários ao chegarem à fábrica para o turno das 18-22 h são solicitados a permanecerem até às 05 da manhã "ajudando" a turma C. Como há um número maior de mulheres trabalhando nas turmas A e B sobrecai nelas este excessivo prolongamento da jornada de trabalho. Concretiza-se neste procedimento uma prática de apropriação das condições em que se encontram estas mulheres. Das mulheres entrevistadas 56% são responsáveis por grande parte do orçamento doméstico, além de terem que tentar conciliar seu tempo nas atividades de cuidado com os filhos (assistência a sua saúde, preparo dos alimentos, lavagem das roupas, etc...) com os horários de trabalho que lhe são impostos pela fábrica. Para estas mulheres que dispõem apenas do seu salário para sobreviver, o prolongamento da sua jornada de trabalho no esquema das viradas apresenta-se com uma dupla característica: a) é uma condição a qual não

podem se negar frequentemente, uma vez que isso implicaria na sua demissão, e suas condições de sobre vivência se agravariam. b) as "viradas" possibilitam a estas mulheres, através do pagamento de horas extras e dos adicionais noturnos, ganhos reais sobre seus salários e com isto planejar gastos extras. Por exemplo, uma das mulheres entrevistadas planejava poder comprar uma geladeira à prestação com os ganhos extras de 2 a 3 "viradas" por semana.

São frequentes as "viradas" noturnas. Entre as mulheres entrevistadas elas chegam em média entre duas a três por semana. Esta prática é compreendida por grande parte das operárias, principalmente pelas mais antigas, como uma "ajuda mútua" que se estabelece entre patrão e empregados. Segundo algumas delas "nós colaboramos com eles e eles também colaboram conosco porque assim aumenta nosso salário". Segundo depoimento de outras isto fica bem claro pelo chefe de pessoal por ocasião da contratação. Assim sendo "se nós aceitamos assim não podemos agora reclamar".

Submetidas assim a um esquema de trabalho onde as condições são tão inseguras e onde ainda estendem a condições desumanas o exercício de sua força de trabalho, estas mulheres apresentam-se extremamente desgastadas física e emocionalmente. Sua pele envelhecida precocemente, sua tez pálida, seus gestos nervosos, seu olhar distante são o testemunho das transformações a que seu corpo se submeteu pelo uso do trabalho nessas condições. As suas condições de saúde são bastante precárias. Vão com frequência ao ambulatório médico da empresa apresentando comumente os sintomas de dor de cabeça, dor no estômago, sintomas ligados a estados de nervosismo.

A empresa dispõe de um ambulatório onde atendem duas auxiliares de enfermagem, uma na parte da

manhã e outra pela parte da tarde. O médico que segundo a legislação deveria permanecer na fábrica pelo período de seis horas, só atende das 7.30 às 9 horas. Os problemas de saúde dos operários passam a ser na maioria dos casos atendidos por auxiliares de enfermagem que receitam medicamentos e que também foram autorizadas pelo médico a fazerem suturas nos casos de acidentes na fábrica. Antes estas suturas eram encaminhadas aos ambulatórios do INAMPS. Ao serem praticadas essas suturas no ambulatório da fábrica, que deveria funcionar sob fiscalização do INAMPS mas isto não ocorre, a empresa pode não encaminhar o registro desses acidentes de trabalho à Delegacia do Trabalho, fazendo com que a triste realidade dos acidentes de trabalho permaneça escamoteada.

Além da extensa jornada de trabalho a que são submetidos os operários da Madeirex estes estão ainda sujeitos a um esquema de controle rígido sobre seu tempo de trabalho. Este controle realiza-se pela forma de pagamento imposta pela fábrica a seus empregados do setor de produção. O pagamento pelo uso de sua força de trabalho é parcelado em duas partes. A primeira parte, eles recebem como forma de adiantamento num valor de 40% do seu salário total no dia 25 de cada mês. Entretanto, este adiantamento é usado como uma forma de "prêmio" aos operários que não tiveram nenhuma falta, nem suspensão por disciplina, até o dia 15 do mês. A segunda parcela correspondente ao restante do salário é paga no dia 10 de cada mês.

Esta forma de controle sobre o trabalho dos operários concretiza-se de forma diferenciada entre homens e mulheres. Como já foi assinalado anteriormente é no setor de produção que se concentram as atividades atribuídas às mulheres. Estas, que como

já foi registrado em páginas anteriores, são em grande parte responsáveis pela manutenção de sua família, vivem em suas condições de trabalhadoras e de responsável direta da sobrevivência da família sob constante atemoramento, com medo de faltar e assim perderem o direito a receber o adiantamento que, propositadamente é fixado na data de 25 de cada mês, data em que também tem que pagar as contas de água, luz, o aluguel, etc.. As mulheres, que pelo acúmulo das duas jornadas de trabalho a que lhes possibilitam reduzidas horas de sono, são as que mais procuram os serviços de atendimento médico da fábrica. Entretanto são as que menos se submetem às licenças para tratamento de sua saúde. Nas entrevistas realizadas com a enfermeira e com a assistente social, estas ressaltaram que em muitos casos, as condições em que se apresentam ao ambulatório médico daria direito a que se licenciassem de seu trabalho por um ou dois dias. Houve inclusive registro de uma operária que foi acidentada com forte baque na cabeça e que recusou-se a ir para casa de licença com medo de perder o "vale" do dia 25. Este esquema de controle sobre seu trabalho impõe a estas mulheres um agravamento ainda maior de suas condições de saúde. O receio das operárias quanto à orientação dada pela auxiliar de enfermagem tem fundamento. É que muito embora seja dada a elas autorização para prestar atendimentos de primeiros socorros e de realizar pequenas cirurgias na ausência do médico, apenas a este é dado o poder de decidir sobre as condições de saúde que justificam a ausência do local de trabalho. Assim sendo, ao aceitarem a autorização da auxiliar de enfermagem e irem para casa, as operárias correm o risco de terem no dia seguinte sua falta não abonada pela avaliação do médico. A organização do trabalho reconhece apenas, nestas circunstâncias,

o saber médico para atestar a saúde dos operários.

5 OS ACIDENTES DE TRABALHO

Entre as mulheres entrevistadas 7 haviam sido gravemente acidentadas, sendo que uma delas três vezes. Eis o relato de alguns destes acidentados:

"Quando as máquinas eram novas tinha uma roda que se tivesse um pedaço de madeira não funcionava. A gente tinha que tirar a madeira, aí fui me abaixar para tirar e me descuidei dela. Aí a operadora operou e caiu a bobina. Perdi a cabeça dos dois dedos. Fui atendida na enfermaria e fui para o seguro. Fiquei dois meses de licença"

(Jacira, 47 anos, 12 de fábrica)

"Quando o serviço era manual, quando o sarrafo caía, caiu um pedaço na minha vista, uma felpa caiu no meu olho. Passei oito dias no isolamento, no escuro no hospital. Inchou todo o meu rosto. Disseram para eu ir na justiça. Não vou fazer isso não. Sou crente e orei muito. Fiquei 3 meses de licença".

"Peguei acidente na perna. A tesoureira foi eu ficar emprensada na máquina".

"Bati a perna e tive esipelão. O sanitário era muito sujo. Meu pé escorregou na água e fiquei com muita dor na perna. Lavava fraca da perna naquele dia".

(Sebastiana, 52 anos, 10 anos de fábrica)

"Sofri grave acidente provocado pelo próprio encarregado do setor. Ele fez que eu tropeçasse e caiu com a cabeça sobre os trilhos de ferro. Fui desacordada para a enfermaria. Fui medicada na própria empresa. Sinto a cabeça muito tonta e não posso mais trabalhar como antes. Acho que estão para me dar as contas. Não posso mais dar viradas. O encarregado já disse que as mulheres antigas que não quiserem mais dar viradas serão despedidas".

(Marcelina, 44 anos, 9 de fábrica)

Dos relatos obtidos destacam-se esses por serem mais significativos em termos das formas de representação dos acidentes de trabalho. Suas explicações incorporaram o discurso oficial sobre os acidentes de trabalho. Não apenas nesses casos, mas em todos os casos obtidos a respeito, ao serem perguntadas se já haviam sofrido algum acidente de trabalho as mulheres referiam-se apenas aos que tinham implicado em paralização de suas atividades na fábrica. No decorrer das entrevistas faziam referências a alguns baques, tropeços, pequenas queimaduras que já haviam sofrido durante sua jornada de trabalho, mas sem identificá-los como acidentes de trabalho.

Permanece também em vários discursos a representação de que os acidentes de trabalho de que foram vitimadas foi consequência de sua desatenção na realização de seu trabalho. Isto aparece claramente nos dois primeiros depoimentos e, também repetiram-se em outros obtidos. Entretanto embora absorvam parte do discurso da empresa sobre a ocorrência dos acidentes, os trabalhadores na Madeirex tem também articulado formas de resistência e de autodefesa em relação aos acidentes. Conforme observa COHN et al (1985) os operários apesar de não ter nenhum contro-

le sobre a organização e sobre o processo de trabalho, devem necessariamente administrar as condições inseguras do trabalho no sentido de evitar o acidente, caso contrário corre o risco de ser acusado de ter inclusive praticado ato de automutilação.

Sob essas condições recai sobre o operário dupla responsabilidade.: a) a de garantir a produtividade que lhe foi designada; b) criar mecanismos de auto defesa para proteger-se das condições inseguras em que é obrigado a realizar seu trabalho. Esta preocupação esteve sempre presente nas entrevistas realizadas. Por exemplo, as mulheres que trabalham no setor de armação de compensados, onde é muito forte o cheiro da cola, solicitam ao operário encarregado da preparação da cola para que este colabore fazendo-a mais fraca para minorar seu mal estar. Num ato de solidariedade de classe, ele comete atende ao seu pedido fugindo ao controle do encarregado do seu setor. Em outras situações, as operárias articulam-se levando leite e café que é distribuído entre as colegas do setor. Em situações mais graves, já ocorreram entretanto organizações de operárias para em grupo irem pressionar o chefe de produção para que fossem providenciadas melhorias em suas condições de trabalho.

6 CONCLUSÃO

O estudo tentou desmistificar as explicações difundidas sobre a ocorrência dos acidentes do trabalho. A violência a que são submetidos operários e operárias, estas em suas condições específicas, decorre das práticas organizacionais da empresa sob a orientação de garantir o controle sobre o processo de trabalho objetivando a valorização do capital.

A CIPA, que segundo legislação sobre segurança

do trabalho deve ser organizada nas empresas para que sejam evitados os acidentes de trabalho, tem atuado na indústria aqui analisada - Madeirex, assim como também em outras conhecidas, mais no sentido de fazer apelos aos operários para que sejam mais atentos na realização de seus trabalhos evitando os acidentes.

A CIPA na Madeirex, foi organizada somente a partir de outubro de 85, muito embora a empresa sempre tenha contado com o trabalho de mais de 400 operários. A CIPA nesta fábrica está composta por seis representantes dos operários e seis representantes do empregador, cada um com seu suplente. Os representantes do empregador são membros das chefias da fábrica: Supervisor de Segurança, Chefe da Produção, Chefe da Fábrica de Compensados, Chefe do Setor de Manutenção, Chefe do Setor de Blocon e Chefe do Setor de Serraria. Os representantes dos operários são os encarregados dos diversos setores: Encarregado da Caldeira, Encarregado da Embalagem, Encarregado da Lixadeira, Encarregado da Manutenção, Encarregado do Blocon, Encarregado da Serraria. Como na estrutura organizacional da empresa os encarregados são os trabalhadores responsáveis pelo controle da produção e da qualidade dos produtos no setor de produção, o fato de estarem como representantes dos operários não quer dizer muita coisa em favor dos operários. O posicionamento destes encarregados na comissão que estuda as condições em que ocorrem os acidentes tem sido na realidade para forçar que os acidentes tem ocorrido por descuido e de sateção dos operários.

A escolha dos representantes da CIPA foi feita por processo eleitoral pelo voto direto. Dos 750 operários que a fábrica tinha àquela época, apenas 278 participaram da eleição, e foram muitos os vo-

tos em branco. O que a primeira vista pode parecer um alto grau de desinteresse por parte dos operários, deve ser entendido como uma forma de resistência dos operários mediante a forma como foi conduzido o processo: Os representantes dos operários foram apontados pelo serviço de Supervisão da Segurança do Trabalho e esta escolha recaiu entre os encarregados, que não gozam de muita confiabilidade entre seus operários.

A atuação da CIPA até o momento da pesquisa restringiu-se a realização de um curso de prevenção de acidentes do qual só participaram nove operários além dos membros da CIPA. As mulheres não são delegadas da CIPA, nem tem como conseguirem que suas condições de trabalho sejam analisadas pelos seus representantes. Além do mais não puderam participar do curso, uma vez que este foi ministrado em horário noturno, após a sua jornada de trabalho. A legislação prevê que os cursos sejam realizados durante a jornada de trabalho, ou então que sejam pagas horas-extras quando da sua realização em outro horário. No caso da Madeirex, nenhuma destas exigências foi satisfeita.

Após a organização da CIPA, houve uma redução dos acidentes de trabalho de 14% para 7% no mês seguinte. Esta redução entretanto longe de significar melhorias nas condições de trabalho dos trabalhadores, foi consequência de uma atribuição a mais que foi designada a eles, e em especial às mulheres que trabalham no setor de tornos operando as máquinas-guilhotinas. Num processo de "conscientização" dos riscos a que são submetidas, elas foram orientadas a usar estiletos de ferro para retirarem as lâminas de compensados das máquinas. Esta prática levou a que se reduzissem consideravelmente os acidentes no setor. Entretanto as condições externas descritas

anteriormente permanecem as mesmas.

A prática de levar à diminuição dos acidentes pela "conscientização" permanece entretanto orientada pela forma de explicar os acidentes como decorrentes do ato de trabalhar e não das condições em que se realiza o trabalho, além do que traz ao operário a falsa impressão de que ele tem assim um controle sobre o processo produtivo, sobre o processo e organização do trabalho na empresa. O que implica dizer que não é pela eficiência na atuação da CIPA, na forma como está concedida, que se vai conseguir solucionar os acidentes do trabalho. Eles permanecem em sua essência atrelados a forma de apropriação e utilização do trabalho na sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COHN, Amélia et al. Os acidentes do trabalho; uma questão de violência. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- COSTA, Heloísa. Patriarcado e dominação capitalista; uma análise da reprodução da subordinação feminina do espaço doméstico no espaço fabril. Rio de Janeiro, 1984. Dissertação (Mestrado) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)
- GAUDEMAR, Jean - Paul de. Mobilidade do trabalho e acumulação do capital. Lisboa, Estampa, 1977. 405 p.
- MARX, K. Le capital. s.n.t.v.1 (apud GAUDEMAR, 1977)
- _____. O capital. s.n.t.v.3, cap. 5 (apud PIGNON & QUEIRZOLA, 1980)
- MOURA, Edila et al. A utilização do trabalho feminino nas indústrias de Belém e Manaus. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 4., São Paulo, 1984. Anais ... São Paulo, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1985
- PIGNON, Dominique & QUEIRZOLA, Jean. Ditadura e democracia na produção. In: GORZ, André. A crítica da divisão do trabalho. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1980.

A MULHER COMERCIÁRIA*

Um estudo sobre a força de trabalho feminino no comércio de Belém

Maria Celeste Miranda **MEDEIROS**
Professora Assistente do Departamento de História e Antropologia do CFCH da UPPA.

RESUMO: Os (as) empregadas (as) no comércio representam uma parcela significativa da classe trabalhadora em Belém do Pará. No entanto é uma categoria que apresenta fraca organização e nenhuma mobilização no sentido de reivindicar melhores salários e condições de trabalho, embora seja visivelmente explorada. Por outro lado, é uma categoria que conta com a presença significativa de mulheres, cuja mão-de-obra é utilizada, principalmente, no setor de vendas do comércio varejista. Duas hipóteses são levantadas para explicar a fraca organização e a falta de mobilização dos (as) comerciários (as): 1) A categoria não se pensa como tal; seus membros não se percebem realizando um trabalho definitivo mas provisório, na expectativa de um melhor emprego; 2) Porque a presença de mulheres na categoria dos (as) comerciários (as) é significativa, esta variável tornaria mais difícil a organização e mobilização da

* Trabalho originalmente apresentado e discutido na mesa redonda denominada "Mulher e Trabalho" durante o Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil, em 14.05.1986, em Belém-Pará.